

# CAPÍTULO I

- Fiquei nua no pau de arara, levei choque na vagina. [...] Nos outros dias, a gente ouvia os gritos, as ameaças... você vê o chão todo sujo de sangue... nos amordaçavam para não gritarmos quando levávamos o choque. [...] -

**Ana Maria Ramos Estevão,**

membro da Igreja Metodista em Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo, ex-aluna de Teologia do Instituto Metodista, líder de jovens metodistas.

- Sua puta fedorenta! Imunda!...

Ofegando como um porco, todo suado, com uma camisa social nojenta, aberta até o peito, que mostrava parte do busto marombado, um fedor de cebola cortada guardada aberta na geladeira, misturado com o de sangue podre da sala de tortura, minhas fezes e urina pelo chão, e mais o corpo daquela criatura grotesca roçando no meu, supera todo o meu vocabulário para o nível de asco.

As mangas arregaçadas e ele segurando com a mão aberta, os meus quadris, quase rasgando a minha pele,

com aquelas unhas ásperas, uma mão áspera, acho que de empunhar pistolas e fazer essas coisas vorazes com as pessoas.

Eu sentindo-o entrando e saindo de mim com a maior grosseria que já vi em alguém, ele quer me machucar. E está conseguindo. Estou com o intestino preso há dias, de tanto medo, ansiedade, nojo da privada da cela e de tanto ter sido sodomizada nos últimos dias.

Sinto bater lá no útero, não consigo relaxar, estou toda contraída, amarrada como um porco, dependurada pelos joelhos e cotovelos, unidos, no famigerado, pau-de-arara, que eu imaginava que era cruel, mas não imaginava quanto.

Nesse momento, o que mais sinto é dificuldade para respirar. Dependurada no pau de arara, com a cabeça pra trás, tendo que ter o maior cuidado pra segurá-la. Estou com um torcicolo horroroso.

A minha cabeça parece que vai explodir, a todo momento fazer um grande esforço para não engasgar com a saliva, não dá para, sequer, repousar um pouco o pescoço.

A respiração pelo nariz também ficou difícil... E já vejo tudo embaçado...

Ele não para. Uma estocada atrás da outra com frenesi. Posso sentir cada pulsada que bate lá no fundo

como uma pancada no coração. Tudo dói, parece que até os rins doem, sem contar a posição, terrivelmente desconfortável.

Eu aperto meus dedos contra a palma da minha mão, contorcendo-os, fechando e abrindo, esticando e flexionando, não sei com qual objetivo, mas simplesmente é uma reação das dores.

As vezes sinto uma mais forte que é como se uma agulha penetrasse a minha nuca, depois de percorrer um frio na espinha desde o começo.

As minhas costas já estão adormecidas, e dor muscular na lombar é extrema, e não há posição confortável.

O roça-roça da corda nos meus pulsos já os esfolaram quase que por completo, era possível ver a corda colorando de vermelho e depois ficando preta.

Os ossos dos meus antebraços doíam agoniosamente por suportar o peso do meu corpo em movimento.

Tem horas que parece que o meu antebraço vai estourar!

Eu tenho sede! Muita sede, havia horas que não tomava água, e já tinha suado tanto...

A minha boca colando, com meu coração disparado. Tantas dores absurdas que mal consigo verificar todos os lugares que doem no meu corpo.

Eu não estava sozinha na sala. Meus amigos também estavam comigo, e todos eles, às vezes, não conseguia distinguir, se estavam com olhar de atônitos para aquela besta doentia, ou apavorados.

---

- Todos nus! - Foi a primeira coisa que nos foi ordenada por um soldado que recepciona os “debutantes”, como eles gostam de chamar, na sala de tortura.

A gente ficou estarecido com a ordem. Não surpresos. Ao mesmo tempo sim. A gente sabia que essas coisas aconteciam em larga escala e como padrão.

Mas é tipo aquela coisa de pensar, que o câncer só ataca a garganta do vizinho fumante, não a tua, que fuma mais que ele...

A Day estava na frente. Foi primeiro pra ela que ele olhou. Com um olhar feroz, assustador, penetrante, decidido... Um olhar que mais parecia um buraco negro capaz de arrastar para dentro de si toda a luz que houvesse em qualquer lugar.

A barba bem feita, uma farda bem engomada e um sapato lustrado, para decorar o contexto tenebroso.

As mãos para trás, postura imponente, veio se aproximando de nós vagarosamente.

- Você não ouviu? Sua cadelinha comunista! – Gritou, e deu-lhe um tapa no rosto, na altura da bochecha que deixou a marca dos dedos bem visivelmente, de vermelho, no rosto dela, que tinha a pele bem clarinha, como um algodão.

- Tirem a roupa! – Voltou a gritar.

A gente se entreolhou apreensivo e aterrorizado...

E fomos tirando, envergonhados e de cabeça baixa, nos tremendo como vara verde. Éramos dois casais, eu e meu namorado Pedro e a Day e o namorado dela, o Nando.

Tá certo que a gente já tomou banho pelado, todo mundo junto na cachoeira, na praia, em Bertiooga de madrugada e outros rolês que a gente foi, mas isso era totalmente diferente...

Olhar o corpo nu, do outro, com alegria e admiração, e olhar para o corpo do outro sentindo dó pela sua dor, e medo da sua própria, são coisas totalmente opostas.

Ficamos ali, de pé, nus, parados, esperando, de cabeça baixa, entreolhando-nos, apreensivos.

Minhas mãos suavam frio, não conseguia fazer o coração bater mais compassado. Minha vontade era de chorar. Eu engolia o choro com medo.

Estava me tremendo muito. Com vergonha de estar nua na frente de um homem que eu nem conhecia, e sabendo que isso era apenas o começo dessa jornada.

A Day tentava engolir o choro, e se tremia de medo, visivelmente. Começou a se urinar.

Eu vi a urina correndo entre as pernas dela enquanto ela ficava de cabeça baixa com vergonha e choramingava baixinho.

O soldado percebeu que ela estava se urinando e gritou de repente, quebrando aquele tenebroso silêncio:

- Mas que porquissse é essa menina!

O grito estrondou o ambiente, todos tomaram um sobressalto do susto.

A Day soltou um grito, contido, de medo na hora que ouviu o brado, acompanhado de um pulo curto. Ao voltar para o chão, patinou um pouco na urina que estava empoçada sobre o piso de porcelanato acinzentado, mas se fixou em pé depois de algumas pequenas escorregadas.

O soldado se aproximou vagarosamente dela, como um felino, quando percebe que sua presa já está dominada, e começa a brincar com o alimento.

Para na frente dela, ela passa a se tremer mais, ele estende vagarosamente a mão direita no sentido do rosto dela que estava abaixado, e direciona a mão para o seu queixo.

Ao perceber, ela se assusta, desvia o rosto e começa a tremer ainda mais e a choramingar em média voz:

- Não me machuque por favor, foi sem querer, eu não queria fazer xixi no chão, só que faz três horas que eu não vou no banheiro, e eu estou com muito medo...

E começou a chorar com soluços, descompassadamente.

- Não fique com medo... – Falou o soldado com uma voz terna, seguindo na investida de apoiar sua mão no queixo dela.

- Shhh... – Se acalme... Não há motivo de você ter medo...

Ele, então, colocou o dedo indicador, com a mão semi estendida na vertical, com o polegar para cima, abaixo do queixo da Day.

- Olhe pra mim...

Ela permaneceu chorando e soluçando.

- Shhh...shhh! Olhe pra mim... – Continua ainda com a voz terna.

Ela vai se acalmando paulatinamente, e em alguns segundos, ele repetindo o mesmo procedimento, o choro compulsivo cessa e sobram alguns soluços, finalizando, descompassados.

Ela se deixa levantar o rosto e fixa o olhar no soldado.

Ele agora não demonstrava mais aquele aspecto grosseiro e frio. Estava com uma certa ternura na expressão facial. Mas não era o que seus olhos queriam dizer.

Aquela expressão era mais parecida com um riso de Monalisa, mas não tão discreto quanto. Era um olhar misterioso...

Mas eu já tinha visto aquele olhar... E nas circunstâncias em que vi, ele é que me fazia mais medo.

A Day tinha os cabelos ruivos meio alaranjados, e compridos até o início o dos quadris. A pele dela, bem branquinha, parecia uma seda.

Apesar de morarmos em Santos, e ser quente boa parte do ano, não tínhamos muito tempo de ficar indo à praia. O curso tomava muito do nosso tempo, e as atividades de militância consumiam o restante.

Aqui e acolá é que conseguíamos fazer alguma coisa juntos. E quando fazíamos, procurávamos nos divertir o máximo.



- Olhos azuis... Você é uma menina linda sabia?

A Day começou a se assustar novamente. Os cabelos compridos dela estavam cobrindo os seus seios. Ele tirou a mão do queixo dela, e afastou os cabelos dela para trás dos ombros, aproveitando, em seu movimento, para passar a mão suavemente em sua pele, de seus ombros até próximo ao cotovelo, lateralmente.

A Day abaixou a cabeça novamente e voltou a se tremer, a soluçar e chorar, como quem tenta se controlar.

Ele pára e dá uma larga olhada em todas as curvas do seu corpo, serenamente. Fica observando seus seios, um, depois o outro.

Desce mais os olhos como quem avalia, minuciosamente, uma aquisição.

Fixou o olhar em seu púbis ruivo. Ela percebe e faz menção de tentar cobrir sua genitália, discretamente com uma das mãos.

Na mesma hora, com a mesma delicadeza com a qual o soldado pousou sua mão no queixo dela, ele afastou sua mão para o lado.

- Não precisa ter vergonha...

Ele foi caminhando ao redor dela e observando detalhadamente o seu corpo. Aqui acolá, era possível vê-lo, discretamente, comprimindo os lábios.

Ele parecia um abutre rondando uma caça morta por um predador, como quem esperasse sua vez de se saciar.

Depois de concluir a volta em torno dela, ele diz:

- Eu não deveria ter marcado seu rosto. Mas... Não é possível voltar no tempo. Não é mesmo?

Ela ficou apreensiva, deu para perceber um traço de reconforto, mesmo que mínimo, em seu comportamento. Permaneceu calada.

Ele levantou a cabeça e olhou para cada um de nós, que observávamos, todos, aquela cena assombrados.

- Não é mesmo? – Repetiu a pergunta, ele, agora falando bem alto e com firmeza, como quem se dirigisse a um batalhão.

Aquele peito empinado de macho alpha do rebanho. Pelo o menos, daquele rebanho, naquele momento.

Permanecemos calados.

- O que é? Perderam a língua? Insetos comunistas, não respeitam a ordem, a disciplina, gostam de zombar da nossa cara! Mas não se preocupem... Aqui é o lugar onde vocês aprenderão uma coisa que seus pais não ensinaram a vocês, e aquele reduto de maconheiros que

vocês chamam de Universidade, ampliaram o seu desprezo por ela em vocês! Disciplina!

Então, virou as costas e voltou para o assento em seu birô, próximo à porta.

Pedia a Deus para que aquilo acabasse ali, que parasse apenas na tortura psicológica, que já era terrível, mas, pensava eu, que era menos dolorida, e mais fácil de se recuperar. Isso era o que eu pensava.

## CAPÍTULO II

*-Nossa linda juventude, página de  
um livro bom...-*

*Flávio Venturini*

Éramos estudantes, tínhamos entre dezenove e vinte anos. Estávamos no segundo semestre de Ciência e Tecnologia do Mar. Ainda estarecidos pela nossa aprovação na Universidade Federal de São Paulo, e curtindo tudo aquilo.

Ainda relembro quase todos os dias dos momentos do trote...

Sempre me vem um riso à boca quando me lembro do dia do trote!

Os veteranos com a cara manchada de tinta na frente da faculdade perguntando:

- Cadê as BIXETE!

Um mega-fone na mão, chamando quem era calouro do curso de ciências do mar.

- Cadê os “bichos do mar”.

Bicho é como são chamados os calouros de cursos universitários. Talvez seja engraçado!

Aquele dia foi muito cômico, a gente entrou junto para fazer a matrícula, e um pegou sua senha na sequência do outro.

Assim que entramos, no dia da matrícula, que começaria as quinze horas, não tinha fila, nem nada, nem tinha senha para pegar, nem ninguém sabia por onde começariam a distribuir senhas, nem, qual o critério.

E estávamos lá, nós, a esperarmos. E ficamos conversando a respeito de diversas coisas, mas, mais aturdidos mesmo era com as instalações da nossa Universidade, que é a terceira melhor da América Latina.

Aquele clima universitário maravilhoso! Várias pessoas de diversas mentalidades naquele mesmo lugar, diversas pessoas defendendo diferentes tipos de coisa, cada um à sua maneira.

Gente do movimento LGBT, feminista, Movimento Negro, juventude de diversos partidos, que agora estão proibidos, mas permanecem funcionando na clandestinidade.

E o interessante era analisar o estereótipo do estudante de cada curso.

Quando a gente via um sujeito marombado, bonitão, todo cuidado, o cabelinho cortado, barba feita, aquele gato, a gente já sabia... Educação Física.

Esses aí estavam sempre sorridentes, dispostos contando piadas...

Sabe aquele tipo de disposição que só de ver já dá preguiça, e quando você começa a conversar, dá um misto de vontade, inveja, preguiça e cansaço?

Era bem essa a galera do curso de educação física. Adoram se movimentar!

A turma de psicologia já era a turma “*diferentona*”, sempre procurando a sintonia com a natureza, a mente e o sentimento das pessoas.

Aquelas meninas com aquelas saias Híppies bem maneiras que, provavelmente, vão acompanhá-la por toda a vida, porque, por mais que as pessoas taxem isso como estilo de adolescente se vestir, é não...

Chama-se jeito próprio de ser feliz!

Sim, cada qual com seu estilo, livre para pensar como quiser, pelo o menos, pensar, ali, mesmo que aos trancos e barrancos, ainda era possível.

A reitoria conseguia manter as coisas nos eixos com uma política firme de repressão à violência e à intolerância de pensamento, ao menos, dentro do contexto acadêmico.

E cada um era feliz ao seu jeito... Ou infeliz. Mas o ambiente era muito agradável... De fato!

O trote começou, e cada um era apadrinhado por alguém.

O meu apadrinhamento para o trote foi algo extremamente interessante e atípico.

Eu digo que fui abduzida! Eu estava saindo pela porta principal da Universidade quando senti uma mão forte, porém suave pegar pelo meu pulso direito.

Me virei assustada! Quando viro, o que vejo? Um garoto bonitão, alto, sei lá, deveria medir mais de um metro e oitenta de altura!

Pelo visto era playboy, roupas de marca, um par de óculos-de-sol bacana, Nike no pé. Um sorriso trabalhado esteticamente, pele macia, como um veludo. No rosto, uma espinha sequer...

Mas no que mais me delicieei foi naqueles olhos verdes e profundos que ele tinha. Um olhar pretensioso, confiante, dono de si.

Na hora que ele me olhou fundo nos olhos, ele já sabia que eu era dele, por mais que eu dissesse “não”.

Ele permanecia segurando meu braço com aquela firmeza na mão, como quem não fosse soltar. Sorrindo pra mim com aquele sorriso branco, maravilhoso, como que me hipnotizando.

Os olhos verdes dele brilhando, sob o sol no verão de Santos. As folhas verdes balançando nas árvores ao redor, em harmonia com o cantarolar dos pássaros, naquela tarde maravilhosa.

Eu olhava para as maçãs rosadas do rosto dele, as pontas das orelhas, vermelhas, também, do sol, naquela pele dourada de garoto que vive pegando onda em Maresias.

Pra não “dar bandeira” olhava para o busto dele meio de rabo de olho, de vez em quando, quando ele dava uma brecha.

Mas parecia que ele só dava essa brecha pra eu poder fazer isso, porque ele percebeu que eu não estava tão confortável.

Claro que não estava confortável! Eu estava, simplesmente atônita! Essas coisas não acontecem comigo! Pelo o menos, não até agora...

Eu me assustei pela constância com a qual ele segurava meu pulso, então, puxei devagar o braço, e olhei para o meu pulso, ele instantaneamente o soltou e disse:

- Ah... Desculpe, é que, inconscientemente não queria de soltar. – E riu, parecendo ter ficado sem graça. – Você é caloura? De qual curso?



Eu confesso que eu meio que não entendi o que ele falou. Eu estava tão entretida em observar-lhe que só quando ele estava terminando de mexer os lábios, e se calou, é que eu pude perceber pela entonação que ele havia me feito uma pergunta.

- Desculpe, o que você perguntou? - Eu disse a ele, meio sem graça por não ter prestado atenção.

Ele deu aquele risinho confiante e falou com uma voz macia:

- Perguntei se você é caloura, e de qual curso.

- Sim, sou caloura, do curso de Ciência do Mar.

- Ahhh! Você é “bixete do mar”! Eu sou veterano do mesmo curso! Olha, a gente tá fazendo o trote ali do outro lado da rua. Quer participar?

- Ah... Sei lá... Sempre tive medo dessa história de trote.

- Medo de que?

- Sei lá, tem umas histórias aí de uma galera que morreu em trote, sofreu agressões, violência sexual e etc... Esse povo é meio sem limites...

Eu falei isso e baixei a cabeça. Não sei por que. Sempre fui tão confiante das minhas opiniões!

Eu já tinha como conceito formado com meus amigos de curso que NENHUM de nós iria participar do

trote. Não precisávamos daquilo para termos amigos na faculdade.

Mas confesso, que naquela hora, que aquele garoto me propôs, eu fiquei balançada de ir. Ué, talvez fosse, realmente, legal!

Talvez eu perdesse a minha única oportunidade da vida de me divertir no trote universitário. E a galera do outro lado da rua, e no cruzamento próximo da Universidade, um dos pontos do pedágio para comprar o “combustível” para a festa, pareciam tão alegres.

Todos pintados com diversas cores de tinta guache, forrados de areia pelo corpo, que daria uma coceira desgraçada, melecados de bebidas que misturaram um bocado de coisa.

Falando alto no Mega-Fone, a festa prometendo se alongar pela madrugada...

- Que isso... Olha, faz assim, pra você se sentir mais confiante, eu faço seu trote!

E me sorriu com aquele sorriso largo e os olhos pidões, igual ao da Fera no desenho da Disney, quando está treinando o sorriso.

Eu achei engraçado aquele gesto, ele sorrindo pra mim e reclinando o corpo na minha direção esperando aprovação.

- Então você acha, que só porque você é bonitão e me dá uma rosa roubada do jardim do Campus, toda comida de formiga, já é merecedor de minha confiança?

Soltei um sorriso sarcástico e fiquei olhando pra ele, enquanto o olhar dele desbotava um pouco ao perceber uma rejeição momentânea.

Ele olhou para o horizonte, franziu a testa e pensou. Achei aquele gesto lindo. Aquele cabelo meio comprido dele esvoaçando me lembrou um pouco a expressão do Che, só que real, e sem roupa de militar.

Voltou a olhar pra mim e falou assim:

- Ok, vamos fazer o seguinte, não vou pedir sua confiança, mas vamos delimitar os termos do Trote. – E fez uma cara de quem esperava reação para que prosseguisse com a proposta, ou não.

- Prossiga com sua sustentação. – Disse eu, e sorri.

Você só pinta o rosto, e pede dinheiro no Farol para comprar a birita!

- Ah! Legal, aí eu vou lá pro farol, com cara de palhaça pedir dinheiro pra vocês tomarem cachaça e não pego nem a rebarba? Não senhor! Se eu for, eu vou pra curtir que hoje é o meu dia também!

Eu acho que falei por impulso, na iniciativa de tentar me reafirmar e mostrar que eu não participo porque não quero, mas que também não sou dondoca.

Ora, onde já se viu? Ir para a esquina, pedir dinheiro, levando cantada de tudo que é homem besta, livrando os casados que estão ao lado das mulheres, que dá pra ver a vontade, nos olhos, de soltar uma piadinha, mas se contém, em virtude da fiscalização.

- Ué... Os limites de tudo, são você quem vai determinar...

Ele disse isso com uma cara de quem diz algo óbvio em plena segunda metade do século vinte um.

Ainda com tom de proposição, na tentativa de se mostrar mansinho.

Um verdadeiro predador, que muda a estratégia da caça quando vê que sua presa sentiu o seu cheiro e lança fuga curta, obrigando-o a mudar de estratégia para não perder a caçada.

## CAPÍTULO III

*-Liberte a sua mente escravizada-*

Bob Marley

Meus amigos estavam parados ali adiante me esperando. Eu virava a cabeça para trás e olhava para eles, que me olhavam curiosos, os garotos apreensivos.

Não sei se era certo deixa-los ali para me juntar ao trote. Mas era meu dia também, eu já estava meio que cansada de fazer somente aquilo que os outros queriam eu fizesse.

Como se tudo na minha vida já estivesse planejado e predeterminado de acordo com os limites da razão. Eu queria perder a razão, eu queria perder o controle!

E virava o rosto pra ele. Que me despertava vontade de estar perto, aquele furor que eu senti quando o vi.

Tipo aquela coisa de amor à primeira vista que a gente acha que sente quando é pré-adolescente, sabe?

Fazia tempo que eu não sentia um “*negócio*” tão gostoso por alguém, tão agradável. Mas, ao mesmo tempo ele me dava um frio na barriga esquisito. Como se eu estivesse sendo ameaçada por algo.

Não sei se por aquela postura segura que ele demonstrava, que mais me fazia desejá-la tê-la para mim do que refutá-la.

Não sei se pela forma brusca que chegou, que ao mesmo tempo que me assustou, me encantou com a rosa, que quando virei atônita para saber quem me segurava.

O rosto dessa pessoa estava meio que encoberto por uma flor Zínnia, vermelha, com uma coloração amarela bem viva em diversos pontinhos amarelos no meio.

Ele foi rápido na compreensão, lisonjeiro nas ações e eficaz no planejamento. Achei inteligente da parte dele. Gosto de homens inteligentes.

Ele permanecia ali, após alguns segundos sem minha resposta, esperando que eu dissesse algo.

Olhei pra trás novamente, desta vez mais rapidamente.

Meu amigos me esperavam. Faziam gestos com as mãos, como se me perguntassem o que estavam acontecendo e pedindo que eu me apressasse.

Virei novamente a cabeça para ele, e disse:

- Espera só um minutinho, por favor, que vou ali conversar com meus amigos.

- Ok. – Falou com um tom um tanto insatisfeito, e estendeu o braço esquerdo na direção dos meus amigos, como quem me desse passagem.

Olhei pra ele com cara de gratidão e soltei um sorrisinho com a boca fechada, com olhos de desculpas, ternura e medo de que ele fosse embora...

Mesmo que em algum lugar em mim, eu rezava pra que ele fizesse isso mesmo, pra que quando eu desligasse meu olhar do olhar dele, e virasse as costas, da próxima vez que eu tornasse a olhar pra trás, ele já não estivesse lá.

Que tivesse sido um sonho, que eu estivesse cochilando no banco do ônibus que estava indo rumo à Santos, e qualquer hora alguém me acordaria bêbada no banco do ônibus no Terminal da Ponta da Praia.

Já tive outros assim, mas esse parecia mais real... Se bem que os sonhos, sempre parecem reais!

É extremamente interessante a quantidade de groselha e coisa boa que eu penso num curto espaço de tempo.

Ainda mais quando se está com um baita dum conflito psicológico da vida inteira, pra ser resolvido no transcorrer de alguns segundos, ou minutos... Não importa!

Mas, eu fico pensando, que, parece que isso é mentira de mim pra mim mesma!

Sim! Uma mentira absurda que eu contei pra mim mesma e para as pessoas ao meu redor, apenas para buscar o carinho delas.

E agora, bem... Agora eu estava neste conflito novamente. Olha para a minha situação!

Tudo pareceu, então, ficar em câmera lenta...

Eu me preendi naqueles olhos d'água dele, perdidamente como quem quer se afogar. Num mergulho profundo.

Cada pálpebra dele batendo, a luz daqueles olhos lindos se acendendo e se apagando, naquele sorriso cínico, de quem sabia que eu ia voltar.

Eu, por minha vez devolvia um sorriso de encantamento contido, enquanto meu coração parecia uma bateria de escola de samba, nos despedíamos por alguns instantes... Mas, com aquele medo de que aquele instante fosse o último.

Porque dá medo mesmo, esse tipo de coisa...

Isso já me aconteceu algumas vezes, e nessas algumas vezes, eu sempre fiquei chateada por dias!



A minha vó dizia, que quando isso acontecia, era porque não era pra ser mesmo, porque o que é nosso, Deus coloca nas nossas mãos...

Eu, durante muito tempo, ouvi isso, e acreditei. Mas é tipo aquelas outras coisas que a gente crê quando criança, e que quando cresce mais um pouco, a gente deixa de acreditar.

Mas quando se cresce mais um pouco, e aí já é mais um crescimento transcendental, uma coisa de mente e espírito, não fisicamente.

Quando a gente cresce mais um pouco, a gente percebe que existe.

Mas não do jeito daquela fantasia ridícula, que a gente nem gostava.

Aquela ideia do Bicho Papão... Por exemplo.

Putz! Era só dizer que o lugar era perigoso, e me explicar os motivos, que eu ia entender! Eu não precisava de mais um monstro para aterrorizar meus sonhos!

E agora o que aterrorizava meus sonhos, era o medo de perder aquela oportunidade, de, pelo o menos, passar a tarde de verão queimando no sol quente de Santos, pedindo dinheiro no farol pra beber com os novos colegas,

em volta de uma fogueira em uma praia bacana, cantando ao som de um violão!

Mas não era só isso. Minha mente queria me convencer de que era apenas aquilo. Que eu estava cansada do ano inteiro estudando igual uma condenada para fazer aquele maldito ENEM.

Porque não bastava, apenas, fazer o ENEM, era necessário tirar uma baita duma nota para poder PLEITEAR uma vaga!

Mas também, o importante não era, pra mim, nem a vaga! Eu estava cagando pra trabalho!

Por mim, eu me juntava com a primeira galera de hippies que passasse na rua da minha casa e ia embora vender arte na praia.

Aquele diabo daquele curso superior, naquele momento, era puramente desejo dos meus pais de me ver formada, pra que eu arrumasse um emprego, e saísse logo de casa para ele recuperar a esposa dele, que os filhos “tomaram”.

Como se eu tivesse me auto-fecundado, o governo tivesse intimado meus pais para me adotarem, ou pior, se Deus mandasse uma cegonha comigo no bico, ou o Espírito Santo para cornear meu pai! Seria apenas a segunda Maria...

E eu seria a verdadeira encarnação do mal ou um erro de profecia por ser mulher e blá, blá, blá! Gostaria de saber onde estavam esses profetas quando o país foi dominado por esses malucos.

E tudo foi passando pela minha frente. Passando... Passando... Até a virada de cabelo, e as mechas cortando o ar, quando eu viro a cabeça, é possível ver com nitidez.

Tipo “sentido de aranha”, sabe? Coisa assim...

Sabe aquele passo pesado? Que quando você pisa parece que ele soa “TUM!!!”. E aquela batida do calcanhar no chão, é bem fácil de se sentir.

Porque parece que ela cria uma vibração no corpo, que começa no tendão de Aquiles , vai passando por tudo o que é nervo.

TUM!

Inevitavelmente, eu olhei para os lados, meio que perguntando pra algo que estivesse fora de mim, “o que vou fazer agora”?

TUM!

A minha panturrilha contraiu um pouco, sei lá, perdeu um pouco de firmeza, e já era possível sentir aquela pequena pontadazinha no ligamento do joelho.

TUM!

Aquela vibraçãozinha insistente, que continuava subindo pelo corpo, amolece a musculara da cocha, logo acima do joelho...

TUM!

Ai Jesus! Agora já começou a ficar pesado respirar...

Aquela vibraçãozinha nojenta, que parece mais uma mosca de varejeira percorrendo minhas artérias, podia até sentir o barulho do zunido.

TUM!

E passa pelo reduto onde as costas mudam de nome, e vai subindo aquele frio horroroso na espinha, começando lá da lombar.

A primeira coisa que eu sinto, quando isso acontece, é de esticar as costas... Ufa...

E aí, dá aquele enrosco na barriga, que parece que o coração usou as tripas para amarrar o estômago, e deixou ele lá preso.

- Tenho que mudar minha expressão de preocupação, de ansiedade! – Tive um sobressalto. Percebi que minhas mãos pareciam derreter, de tanto suor. Coloquei as mãos nos bolsos da minha bermuda jeans, e sequei a mão discretamente.

Comprimi os lábios, arqueei as sobrancelhas, ainda meio sem graça. Respirei fundo e engoli um pouco de saliva que havia se formado no interior de minhas bochechas.

TUM!

Me dou conta que estou a apenas um passo deles.

Então vem o entalo do cuspe da garganta... Os estralinho de pescoço... A respiração funda... Inspira... Expira... Inspira... Expira...

Uhhh... Ahhh... Inspirei fundo e expirei pela última vez.

Durante todo esse percurso em que andava na direção dos meus amigos, eles faziam gestos, como que cobrando minha demora, fazendo caras e bocas, semi-erguendo os braços, lateralmente, com as mãos abertas.

Arregalando olhos, contorcendo o canto da boca, fazendo cara feia, franzindo a testa...

E de repente, num lapso, passaram-se dezenove anos da minha vida pela minha mente.

Pude perceber, naquela espécie, de, “sentido de aranha”, o movimento de levantar o meu pé para dar o último passo em direção a eles.

Desde o espalmar dos pés no chão, o início do levantamento do calcanhar, o da contração da musculatura do peito do pé, o apoio do pé nas pontas...

Milimetricamente visto, enquanto viajei... Me abstraí totalmente de tudo o que estava acontecendo ali, das pessoas que estava vendo, das cores tranquilas das paredes da Universidade, o vento gostoso que entrava pela porta principal do campus.

Era um momento especial na minha vida. Único para dizer a verdade! Minha admissão na Universidade foi a minha chave para a minha mudança para Santos.

Sair daquela cidade cinzenta! Adorável? Sim! Sem dúvida! Mas... CINZENTA.

Com pessoas que cultuam uma vida cinzenta e são infelizes por isso, em todos os lugares, desde o Centro, até as periferias.

Um ritmo desumano que conseguiu ficar ainda pior! Pessoas desumanizadas, amontoadas naquelas conduções, um aperto, um calor que só faz aumentar ano a ano.

Barulho, stress, correria, dinheiro que não vale nada!

Meu pai... Pelo amor de Deus! O meu pai! Eu acho que eu não tive pessoa mais incompreensível e cruel, na minha vida, que aquele cara!

Eu o amo! É fato! Acredito que ele sinta o mesmo por mim, talvez eu não seja somente mais um problema que ele construiu, e pela convivência comigo, ao passar dos anos, criou um vínculo sentimental.

Talvez, depois de eu ter crescido, eu não tenha me transformado em mais uma missão mercadológica da vida dele, como ele demonstra se comportar.

Sério! Eu não entendo qual o motivo de eu ter sido criada a vida inteira, como filhote de felino selvagem!

Por que durante toda a minha existência, não lembro, de uma brincadeira sequer, que meu pai me propôs, que não estivesse me preparando para o mercado de trabalho!

Tudo pra hoje ele dizer todo orgulhoso para os amigos:

- Me esforcei muito para que a Luana fosse uma moça de bem! Uma moça de família!

Jesus amado! Eu fico pensando o que essas pessoas pensam por família... Essa coisa falida e mentirosa de gente que vive de aparências?

Como meus pais, que não se suportam, não conseguem conversar cinco minutos sem brigar, transam igual porcos, apenas para saciar suas necessidades momentâneas e dormem, um virado para cada lado.

Minha mãe toma calmante tarja preta para dormir.

Imagino que para suportar o barulho dos roncos e dos peidos nojentos do meu pai, que engordou feito um porco atrás de um birô de uma repartição pública pelos seus orgulhosos trinta e dois anos de serviço, como ele gosta de arrotar.

Eu tenho certeza que ele sai com garotas de programa. E talvez, nem seja, apenas com garotas. Já peguei no bolso do paletó dele, alguns panfletos de travestis ali da Avenida Augusta.

Isso foi uns dias antes de eu ter uma das piores discussões da minha vida, com ele.

Por um comportamento, simplesmente, abominável!

Não sei como diabos ele conseguiu a cópia da chave do meu quarto. Detalhe: Eu já havia trocado!

Imagino que ele tenha chamado um chaveiro para arrombar minha porta e fazer uma cópia a partir do miolo. Enfim, ele entrou.



Com o único objetivo de vasculhar todas as minhas gavetas e prateleiras pra encontrar qualquer indício de que eu estava fazendo “alguma coisa errada”!

Eu entrei no quarto. A primeira coisa esquisita que senti, quando entrei no quarto, foi aquele cheiro de virilha suada, que ele deixou no meu quarto, misturado com futum de *Azaro Ônix*.

Isso já me deixou possuída! Me senti, terrivelmente, violada!

- Como pode alguém entrar no meu quarto, trancado, depois de efetuar um arrombamento, com o único intuito de me vasculhar?

Ele tentou deixar imperceptível. Impossível!

Ele poderia entender que um dos motivos de mamãe estar tomando Rivotril, era o fato de ela não se sentir atendida como mulher. E para tentar ser feliz com a “família” que construiu, dedica todo o seu tempo e atenção aos filhos.

Desde que eu sou criança o meu pai tem três rotinas.

Faz a mesma coisa durante a semana, que é acordar resmungando, ir ao banheiro, peidar bem alto para acordar minha mãe (não é exagero).

Ao minha mãe perceber que o seu porco de estimação acordou, ela se levanta, suspira fundo, naquele ar contaminado por aqueles gases de efeito estufa, levanta os olhos para o céu, faz o sinal da cruz, calça os chinelos e vai para a cozinha fazer café da manhã para sua majestade suína.

Ele fala bom dia para nós na cozinha, como um mega-empresário esnobe que responde ao mendigo depois de lhe dar uma esmola para tomar um café pela manhã.

E, simplesmente, senta-se.

Sim. Senta-se! Esperando ser servido pela sua escreva, ama do lar, que ele chama de esposa para os amigos, colegas de trabalho e “irmãos” de sua igreja “pegue e pague”.

Mas, dentro de casa, os nomes dela são outros. Algo como, Vagabunda, Preguiçosa, Inútil, Morta, Louca, Jumenta e etc.

Toma seu café da manhã olhando as notícias no celular e manda mensagens de texto para pessoas que nunca soubemos quem é.

Ele termina, deixa a xícara, o prato, os talheres e a sujeira, na mesa, apenas diz “tchau” e vai embora.

A rotina dos finais de semana, quando não é ir se entupir de massas e outras coisas gordurosas em

restaurantes caros, é fazer churrasco na área de lazer do prédio, para contar vantagens para os amigos e ficar olhando as filhas adolescentes dos amigos tomando banho na piscina do condomínio.

Isso enquanto ele bebe um tonel de suco de uva e devora um quarto de novilho sozinho e assiste futebol, com aquele imenso corpo mais cabeludo que o *Primo It*.

Suco de uva porque quem bebe bebida alcoólica, vai para o inferno.

Acho que nem preciso mandá-lo para lá! Acho isso, muito satisfatório... Não quero, de verdade, essa intriga com satanás!

A terceira mais “brilhante” rotina do meu pai, é ir para a praia no fim do ano. Enquanto ela está lotada, poluída e com aquele fedor horrível de óleo de soja saturado daquelas barracas que vendem aquele peixe mal preparado na beira da praia.

De vez em nunca, vamos para o Nordeste. Mas ele consegue deixar qualquer paraíso horrível com aquele senso de controle ridículo e de sociedade medieval que ele cultiva na mente.

Eu fiquei calada depois que percebi a invasão do meu quarto. Mas, não fiz alarido. Queria saber onde é que ia dar.

Minha mãe, havia me contado certa vez que ele mandou instalar diversas câmeras no quarto deles. Provavelmente para descobrir se estava sendo traído.

Minha mãe ficou aterrorizada! Porque até os raros momentos de intimidades entre os dois, estava sendo gravado! E se ele, um dia, utiliza essas imagens para chantageá-la?

E se já não o faz?

Ela descobriu uma das câmeras quando desligou a luz do quarto para dormir, e, cinco minutos depois, o celular tocou.

Quando ela foi atender, o brilho da tela incendiou a minúscula lente que estava no olho de uma boneca de pano de estimação, que ela havia me dado quando eu era criança.

Aquilo a deixou curiosa. Boneca de pano não brilha na luz.

Um gelo, de repente tomou seu coração. Porque a imaginação do que fosse já lhe vinha à mente. Vagarosamente, levantou-se da cama, o remédio tinha começado a fazer efeito, fazia pouco tempo.

Mas ela ainda não estava grogue, apenas, sonolenta. Sentou-se na cama, movendo-se maciamente como um gato, temerosa por ele acordar.

E foi, segundo a segundo, deslizando na cama até a borda, sempre apreensiva, olhando para ele, para ver se não acordava.

Sentou-se, finalmente à beira da cama, e parou um pouco para ficar observando se era seguro levantar sem que ele percebesse.

Entre rancos tenebrosos, como se uma criatura alienígena estivesse se transformando, ou um demônio estivesse possuindo um corpo, na sucção do ar, prejudicada por aquele peso moribundo sobre o tórax, e a chiadeira da expiração.

Ele pareceu engasgar-se, momentaneamente, com seu próprio cuspe. Ritual normal. Engasga, escarra, mastiga, engole, respira fundo, bola na cama, desfalece novamente e a sinfonia dos diabos prossegue normalmente.

Neste momento ela parou para ficar olhando-o. Há quanto tempo não fazia isso? Há quanto tempo vem tomando remédio para suportar o insuportável e esperar o dia da morte chegar sem a possibilidade de um dia de felicidade plena?

Ela não tinha raiva dele... Ódio... Minha mãe nunca conservou essas coisas.

Ali, sentada na beira da cama, olhando para meu pai.

Aquele homem inteligente, forte, decidido, implacável, um verdadeiro Alpha. Que nunca demonstrou fraqueza em qualquer situação, por mais que estivesse se borrando.

Sério, trabalhador, de palavra, cumpridor de todos os seus compromissos, fervoroso em sua fé, firme em seus posicionamentos políticos, generoso com quem dele precisa...

Como é que alguém com tantas qualidades não conseguia fazer as pessoas, ao seu redor, felizes?

Talvez seja porque tentar é o pressuposto para conseguir. Pois é...

Minha mãe suspirou fundo e fez uma expressão de desalento.

Talvez ele tente, mas apenas tente do jeito errado.

Ela levantou-se da cama e foi até a prateleira onde estava a boneca, pouco a noroeste da base de sua penteadeira. Ela pegou a boneca, com cuidado, como se estivesse acariciando, tentando se fazer imperceptível, caso houvesse, realmente uma câmera ali.

Não era bom afastar as moscas do cadáver.

Era sem dúvida uma câmera.

Minha mãe, quando me contou isso, chorava!  
De soluçar!

Nunca mais ela teve coragem de ter qualquer intimidade com meu pai naquele quarto, que não fosse qualquer coisa resumida a um sexo rápido e mecânico, de baixo das cobertas, e, no escuro, somente para satisfazê-lo, quando ele já não o tinha conseguido de outras formas, fora de casa.

Então, quando eu percebi a invasão, fiquei terrivelmente ressabiada!

A partir desse dia, eu deixei até de me masturbar no meu quarto. Simplesmente, até o sono ficou difícil!

Passou.

Dias depois, numa manhã qualquer, prefiro não ficar lembrando essas datas. Sei que era dia de semana, afinal, era um dia com a primeira das rotinas. A rotina semanal.

Ele, depois do ritual porco dele, no quarto com minha mãe, que quando sai de lá, após ele acordar, até fica corada quando respira um ar diferente daquele do quarto, comportou-se, estranhamente, diferente.

- Bom dia família!

Eu olhei pra minha mãe, que me olhou de volta com olhar de surpresa, e respondemos no tom de costume. Aquele desanimado, frio e depressivo.

-Bom dia.

Então ele, animado, falou!

- Alegria família, um novo dia nasce!

Nos entreolhamos novamente, sem compreender o que foi que houve. Minha mãe deu de ombros e continuou a passar o café.

Eu estava pegando alguns ovos na geladeira para fazer uma crepióca de frango pra mim.

Perguntei, então, em tom sarcástico.

- Foi promovido?

- Não. – Ele respondeu, ainda com um sorriso e, aparentemente, animado.

Trepliquei:

- Trocou o carro?

- Não.

- Descobriu um restaurante novo de comida mineira.

- Não filha, algo mais importante! – Disse ele abrindo os braços, como se tivesse inventado a lâmpada.

- Hum... – Apenas dei de ombros e continuei o que estava fazendo.